



**BRAM  
STOKER**

Título original: The jewel of seven stars e The lair of the White Worm

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.  
Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020  
Rio de Janeiro — RJ — Brasil  
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S883b

Stoker, Bram, 1847-1912

Bram Stoker, volume 2: Os sete dedos da morte: a toca do verme branco / Bram Stoker ; tradução Stefania A. Lago. - 2. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

Tradução de: The lair of the white worm; The jewel of seven stars  
ISBN 9788520945643

1. Ficção irlandesa. I. Lago, Stefania A. II. Título..

18-47569

CDD: 828.99153  
CDU: 821.111(41)-3

# Sumário

## OS SETE DEDOS DA MORTE

1. Um chamado noturno
2. As estranhas instruções
3. A vigília
4. A segunda tentativa
5. Novas e estranhas instruções
6. Fatores de suspeita
7. A grande perda do viajante do Oriente
8. As lamparinas são encontradas
9. O saber secreto
10. O vale do mago
11. O túmulo de uma rainha
12. A arca encantada
13. O despertar do transe
14. O sinal de nascimento
15. O plano da rainha Tera
16. Poderes antigos e modernos
17. A caverna

18. Dúvidas e ansiedades
19. A lição de Ka
20. A grande experiência

## A TOCA DO VERME BRANCO

1. Entra Adam Salton
2. Os Caswall de Castra Regis
3. Diana's Grove
4. Lady Arabella March
5. O verme branco
6. A pomba e o falcão
7. Oolanga
8. Forças resistentes
9. O cheiro da morte
10. A pipa
11. A Arca de Mesmer
12. Quando a arca é aberta
13. Alucinações de Oolanga
14. A luta recomeça
15. Quando é retomada a pista
16. Uma visita de condolências
17. O mistério de Diana's Grove
18. Quando Oolanga desaparece
19. Um inimigo na escuridão
20. Uma conversa muito séria
21. A luz verde

22. Visto de perto
23. Dentro da casa do inimigo
24. Uma espantosa sugestão
25. A última batalha
26. Cara a cara
27. Sobre o telhado da torre
28. Irrompe a tempestade

# Os sete dedos da morte

# Capítulo 1

## UM CHAMADO NOTURNO

Tudo me pareceu tão real que me custava acreditar que estivesse vivendo tudo pela segunda vez. No entanto, cada episódio veio não como um novo passo na decorrência lógica dos incidentes, mas como algo que eu já esperava. Dessa maneira, o pensamento pode nos pregar peças, boas ou más, agradáveis ou dolorosas, provocando felicidade ou infelicidade. De onde se conclui que a vida nos parece agridoce e que tudo o que aconteceu se torna eterno.

O barco impulsionado por remos, de onde pingam gotas brilhantes, retarda de novo sua viagem pelas águas calmas, sai do sol ofuscante de julho para a fresca sombra dos galhos pendentes do salgueiro — eu, de pé, no barco balançante, e ela, sentada, protegendo-se com as mãos dos galhos que rebatem. Novamente a água se torna de um castanho-dourado transparente e, da margem, a grama volta a ser verde-esmeralda. E estamos de novo sentados na fresca sombra, rodeados por milhares de ruídos da natureza, que, com seu invólucro suave, misturam-se ao zumbido que causava



sonolência, fazendo-nos esquecer não apenas o grande mundo com suas aflitivas preocupações, mas também as suas alegrias ainda mais inquietantes.

E, outra vez, a jovem se liberta nessa feliz ocasião das regras repressivas de sua rígida educação e me fala com naturalidade e um pouco sonhadora da solidão de sua nova vida. A voz baixa e triste me dá a entender que ela se sente solitária e sozinha na casa enorme, que não é possível haver confiança e simpatia entre os moradores e que até a fisionomia de seu pai lhe parece tão distante como à época em que viviam no campo. Torno a pôr minha compreensão amadurecida à disposição da jovem, bem como a experiência de minha vida de adulto, sem que haja segundas intenções. A individualidade do ego nada tem a ver nessa oportunidade e obedece apenas a comandos forçados. Multiplicam-se indefinidamente os fugidios segundos, pois faz parte dos mistérios dos sonhos que a realidade se confunde e se renova, se modifique sem se alterar, como a alma dos músicos na fuga. Assim a lembrança se perde no sono.

Não existe serenidade completa, pelo menos é o que parece. Até mesmo nos Jardins do Éden a serpente levanta sua cabeça debaixo dos pesados ramos da Árvore da Sabedoria. O sossego da noite de insônia é perturbado pelo fragor da avalanche, pelo rumorejar de águas que irrompem subitamente, pelo toque do sino do trem que ressoa através de uma cidadezinha adormecida na América; pelo mergulhar de remos ao longe, fosse o que fosse, poderia perturbar o encanto do meu Éden.

O baldaquim de ramos sobre nós, coroado com raios de luz, parece estremecer com o padejar, e o sino toca como se jamais quisesse parar.



Repentinamente, os portões do sono se abrem e meus ouvidos, que despertam, reconhecem o motivo do distúrbio. Uma causa bastante prosaica — alguém bate e toca a campainha de uma porta.

Em minha residência em Jermyn Street eu estava acostumado aos diversos barulhos vindos de fora. Acordado ou dormindo, pouco me preocupava com o que faziam ou deixavam de fazer meus vizinhos, mesmo que fizessem muito barulho. No entanto, esse ruído se prolongava demais, era persistente demais, insistente em excesso para poder ser ignorado. Por trás desse barulho incessante havia algo de ativo e racional proveniente de uma necessidade ou de uma pressão.

Meu egoísmo se manteve dentro dos limites, por isso me veio a ideia de que alguém precisava de ajuda. Rapidamente me levanto da cama e lanço um olhar para o relógio. São exatamente três da manhã. Nas verdes venezianas que escureciam meu quarto, entrevia-se o crepúsculo matutino. Era óbvio que alguém batia e tocava a campainha na nossa porta. Além disso, estava claro que não havia ninguém acordado para abri-la. Apressado, vesti o robe e as pantufas e dirigi-me à porta. Ao abri-la, vi diante de mim um jovem com um elegante uniforme de serviço que, com uma das mãos, pressionava ininterruptamente a campainha elétrica, enquanto batia vigorosamente na aldrava com a outra. Nem bem me viu, cessou o ruído. Uma das mãos elevou-se instintivamente ao boné e a outra tirou uma carta do bolso. Diante da porta estava uma elegante carruagem com uma parelha, cujo forte resfolegar demonstrava que havia corrido muito. Um policial com uma lanterna presa à cintura foi atraído pelo barulho.

— Perdão, senhor, sinto muito ter que perturbá-lo, mas sou obrigado a isso. Eu não deveria perder um só instante e bater até que viesse alguém. Posso perguntar se aqui mora o sr. Malcolm Ross?

— Sou Malcolm Ross.

— Então esta carta lhe pertence realmente, senhor, e esta caleça o espera.

Tomado de enorme curiosidade, peguei a carta. Como advogado, tive por vezes causas estranhas e poderia perfeitamente se dar o caso de que algo imprevisto fosse tomar meu tempo. Dei uns passos para trás no vestíbulo e encostei a porta. A letra da carta me era desconhecida, de mulher. Começava sem preâmbulo.

*O senhor disse que me ajudaria caso fosse preciso e tive a impressão de que suas palavras eram sinceras. A hora chegou antes que eu supunha. Encontro-me numa terrível situação e não sei a quem recorrer. Receio que estejam querendo assassinar meu pai. Com a graça de Deus, ele ainda vive, se bem que inconsciente. A polícia foi avisada e também o médico. No entanto, não tenho ninguém em quem possa confiar. Venha logo que puder e perdoe-me antecipadamente. Presumo que só mais tarde me conscientizarei do que lhe peço. No momento, porém, não estou em condições de pensar. Venha. Venha imediatamente.*

*Margaret Trelawny*

Durante a leitura, a dor e o triunfo lutaram dentro de mim. Porém, imperava a certeza de que ela se encontrava numa situação embaraçosa e me chamava — a mim. Eu não sonhara com ela sem algum fundamento. Chamei o rapaz:

— Espere! Estarei pronto num minuto — corri escada acima.

Depois de uns poucos minutos eu já estava de banho tomado, vestido, e atravessamos as ruas tão rápido quanto os cavalos permitiam.

Era dia de feira e, ao alcançarmos Piccadilly, apesar da hora matinal, havia um fluxo interminável de carroças, vindas do oeste para a cidade. O resto do caminho, entretanto, estava livre e avançamos rapidamente. Eu havia dito ao rapaz que poderia se sentar ao meu lado, no interior da carruagem, para que assim, no caminho, pudesse me pôr a par do que acontecera. Embaraçado, ele lá estava sentado, segurando o boné sobre os joelhos enquanto fazia a narrativa.

— Senhor, a srta. Trelawny mandou alguém para baixo a fim de nos dizer que deveríamos aprontar imediatamente uma carruagem. Aí ela própria desceu, deu-me a carta e mandou que Morgan, o cocheiro, voasse para seu destino. Disse-me que eu não deveria desperdiçar um segundo e bater até que alguém aparecesse.

— Sim, isso eu sei. Já me disseste isso. Eu gostaria de saber por que ela mandou me chamar. O que aconteceu na casa?

— Isso não sei exatamente, senhor. Só sei que o patrão foi encontrado inconsciente em seu quarto, com o lençol ensanguentado e um ferimento na cabeça. Até agora não voltou a si. Foi a própria srta. Trelawny quem o encontrou nesse estado.

— Como ela pôde encontrá-lo a essa hora? Acho que era madrugada.

— Não sei, senhor. Não consegui saber o que houve na realidade.

Como ele não me pôde dar mais esclarecimentos, deixei que a carruagem parasse por um instante a fim de que ele pudesse passar para o assento da frente, ao lado do cocheiro. Sozinho, fiquei sentado, a meditar. Havia muita coisa que eu poderia ter perguntado ao serviçal. Mal ele passara para a frente eu já estava aborrecido por



não ter aproveitado melhor a oportunidade. Mas, por outro lado, senti-me satisfeito porque não havia mais essa tentação. Eu achava que seria mais discreto se obtivesse pessoalmente a informação da srta. Trelawny. Íamos pela Knightsbridge acompanhados pelo barulho da elegante carruagem. Depois de termos entrado no Kensington Palace Road, paramos afinal em frente a uma mansão, do lado esquerdo, tanto quanto pude notar, mais perto de Notting Hill do que de Kensington. Era na verdade uma bela casa, não somente quanto ao tamanho, mas com referência à forma de construção. Mesmo sob a sombria luz da manhã, que deixa tudo com aparência menor, fiquei impressionado.

A srta. Trelawny veio ao meu encontro no vestíbulo com bastante naturalidade. Parecia controlar tudo em volta com superioridade, como convém a uma pessoa de classe, apesar de sua excitação e lividez. No grande vestíbulo havia muitos empregados, os homens perto da porta de entrada e as mulheres agrupadas nos cantos e nas passagens mais distantes. Um chefe de polícia já falara com a srta. Trelawny; dois policiais uniformizados e um à paisana tinham vindo com ele. Quando ela pegou impulsivamente minha mão, vi em seu olhar que a minha chegada lhe causara um grande alívio. O cumprimento foi curto e conciso:

— Eu sabia que o senhor viria.

Um aperto de mão pode significar muita coisa, até quando não deve significar nada demais. A mão da srta. Trelawny se perdeu na minha. Era pequena, macia e flexível, com dedos finos e longos — uma bela mão, fora do comum.

Virou-se e disse ao chefe de polícia:

— Este é o sr. Malcolm Ross.

O policial fez continência e retrucou:

— Já conheço o sr. Ross, senhorita. Talvez lembre que tive a honra de trabalhar com ele no caso Brixton Coining.

Ao primeiro olhar, eu não o havia reconhecido, pois toda a minha atenção estivera voltada para a srta. Trelawny.

— Sim, naturalmente, chefe Dolan, recordo-me muito bem — disse eu ao trocarmos um aperto de mão.

Não me escapou que a srta. Trelawny pareceu aliviada com o nosso conhecimento. Seu comportamento demonstrava certo embaraço que despertou minha atenção, e instintivamente senti que ela ficaria mais à vontade se pudesse ficar a sós comigo. Eu disse então a Dolan:

— Talvez fosse melhor se a srta. Trelawny falasse comigo em particular. O senhor já deve ter ouvido o que ela sabe e eu poderia julgar melhor a situação se pudesse lhe fazer algumas perguntas. Depois gostaria de conversar com o senhor, se assim lhe convier.

— Ponho-me com prazer às suas ordens, senhor — respondeu ele, cordialmente.

Seguindo a srta. Trelawny, entrei num cômodo mobiliado com elegância, que dava para o vestíbulo e do qual se podia entrever um jardim nos fundos da casa. Quando fechei a porta, ela me disse:

— Por sua boa vontade em ficar a meu lado nessa situação difícil, eu lhe agradecerei mais tarde. No momento, no entanto, poderá ajudar se inteirando melhor dos fatos.

— Fale — disse eu. — Conte-me tudo o que sabe sem omitir o menor detalhe, ainda que no momento pareça insignificante.

Começou sem preâmbulos:

— Fui acordada por um barulho. O que foi, não sei. Só o que sei é que invadiu meu sono. Então, de repente, acordei de vez. Com o coração batendo forte, apurei o ouvido para os ruídos que vinham do quarto de meu pai. Meus aposentos ficam logo ao lado e, muitas vezes antes de adormecer, ouço como ele se movimenta no quarto. Ele trabalha com frequência noite adentro, por vezes até muito tarde. Assim, ocasionalmente, acontece que, ao acordar cedo ou de madrugada, ainda posso ouvi-lo. Uma vez cheguei a tentar dissuadi-lo de ficar acordado tanto tempo porque isso não lhe fazia bem algum. Não ousei fazer uma segunda tentativa. O senhor sabe como ele pode ser duro e frio, ou talvez o senhor se lembre do que lhe contei a respeito de meu pai. Sempre que tem uma atitude polida, torna-se insuportável. Posso aguentar melhor quando fica raivoso. Mas, quando reage lentamente e com circunspeção, puxando a boca para o lado de modo que se pode ver seus dentes pontiagudos, sinto... Nem sei bem o quê. Na noite passada, levantei-me depressa e fiquei perto da porta, pois temia perturbá-lo. Nenhum som de passos, nenhum grito; entretanto, ouvi um estranho som de arrastar de pés e uma respiração pausada e ofegante. Como foi horrível ficar à espera na escuridão e no silêncio e temer não sei o quê! Finalmente, tomei coragem e entreabri a porta. Lá dentro, tudo escuro. Quase não dava para perceber o contorno das janelas. Nessa escuridão, ouvi sua respiração cada vez mais distintamente e fiquei alarmada. Era incessante. Mas além desse som não se ouvia mais nada. Escancarei a porta porque receava abri-la devagar. Tive o pressentimento de que algo terrível se ocultava por trás, pronto para se atirar sobre mim. Aí acendi a luz e entrei no quarto. Primeiro olhei para a cama. Os lençóis estavam revoltos, sinal de que meu pai



se deitara. Porém, no meio da cama, via-se uma grande mancha vermelho-escura que se alastrava para a beirada, e meu coração quase parou de bater. Enquanto eu fitava a mancha, chegou novamente o som de respiração aos meus ouvidos e meu olhar procurou a causa. Lá estava meu pai, deitado do lado direito do chão, com o outro braço sob o corpo, como se alguém tivesse atirado seu cadáver ao chão. O rastro de sangue atravessava o quarto até a cama. Ele estava no meio de uma horrível poça de um vermelho brilhante. Debrucei-me sobre ele para examiná-lo. Estava deitado em frente ao cofre e vestia o pijama. A manga esquerda fora rasgada e deixava aparecer o braço nu que apontava para o cofre. Oh, foi terrível vê-lo encharcado de sangue, a carne em volta da pulseira de ouro arrebitada ou cortada! Eu nem sabia que ele usava uma coisa dessas, e essa descoberta me surpreendeu e me provocou um novo choque.

Fez uma pausa rápida. Querendo desviar um pouco sua atenção, falei:

— A senhorita não deve se espantar com isso. Muitos homens, de quem menos se espera, usam pulseiras. Uma vez cheguei a ver quando um juiz, ao pronunciar uma sentença de morte, levantou o braço e pude reparar que usava uma pulseira de ouro.

Ela parecia não ter ouvido minhas palavras, mas ainda assim se recompôs e prosseguiu mais calma:

— Não perdi um instante porque tive medo de que pudesse morrer da hemorragia. Toquei a campainha e saí correndo, gritando por socorro. Em pouquíssimo tempo, ainda que me parecesse incrivelmente longo, alguns criados vieram até o quarto e logo depois todos os outros, até que o aposento se encheu de olhos



arregalados e amedrontados, de cabelos desgrenhados e das mais variadas vestimentas de dormir. Suspendemos meu pai para um sofá, e a sra. Grant, a governanta, que era a que teve melhor presença de espírito de todos, começou a procurar o local do sangramento. Com a rapidez de um segundo ficou visível que provinha do braço nu. Havia um profundo ferimento, não uma facada limpa, mas uma abertura serrilhada perto da articulação, tão profunda que alcançava até a artéria. A sra. Grant tamponou a ferida com um lenço e, com o auxílio de um abridor de cartas de prata, improvisou uma espécie de torniquete. Instantaneamente cessou a hemorragia. Nesse meio-tempo eu estava de novo de posse de minhas faculdades, tanto quanto possível, e mandei um dos homens à procura do médico e outro à polícia. Nem bem haviam saído, veio-me a sensação de que, afora os empregados, eu estava completamente sozinha na casa e que não sabia nada a respeito de meu pai, absolutamente nada. Aí me veio a necessidade de pedir ajuda. Pensei no senhor e na sua amável oferta no barco, debaixo do salgueiro. Sem refletir mais, ordenei que preparassem imediatamente a carruagem e, rápido, escrevi um bilhete para que lhe fosse entregue.

Fez uma pausa. Nesse instante, eu não quis falar sobre o que estava sentindo. Olhei-a e acho que ela percebeu, pois seu olhar se ergueu para o meu e logo o baixou, enquanto suas faces enrubesciam. Com visível esforço, continuou sua narrativa:

— O médico chegou com incrível rapidez. Nosso empregado o encontrou na hora exata em que estava para abrir a porta da rua e pôde vir a passo acelerado para cá. Refez o torniquete no braço de meu pai e foi para casa a fim de apanhar alguns instrumentos. Certamente logo estará de volta. Apareceu um policial e notificou a

delegacia, logo em seguida chegou o chefe de polícia. E a seguir, o senhor.

Houve uma grande interrupção e ousei pegar sua mão por um instante. Sem mais outra palavra, saímos para o vestíbulo. O chefe de polícia veio até nós com as seguintes palavras:

— Examinei tudo meticulosamente e mandei informar a Scotland Yard. Olhe, sr. Ross, nesse caso existem tantas coisas estranhas que achei melhor mandar vir o mais eficiente homem do departamento de investigações criminais. Pedi, por escrito, o envio do sargento Daw. O senhor certamente se recorda dele. Naquela vez em Hoxton, o caso do americano envenenado.

— Ah, sim — respondi —, lembro-me perfeitamente bem. Desse e de outros casos nos quais me beneficiei com frequência de sua argúcia e de sua capacidade. Sua inteligência é única. Quando eu, como promotor, declarava meu cliente inocente, dava graças a Deus por tê-lo como meu opositor!

— Isso é que é um elogio, senhor! — manifestou-se o chefe de polícia, satisfeito. — Fico feliz em saber que o senhor aprova minha escolha.

— Não poderia ser melhor — disse eu com sinceridade. — É evidente que nós três descobriremos os fatos e o que está por trás deles.

Subimos para os aposentos do sr. Trelawny, onde encontramos tudo exatamente como nos havia descrito sua filha.

Ouviu-se, então, uma campainha, e um homem foi conduzido ao quarto. Era jovem, de porte nobre, com inteligentes olhos cinza e uma testa larga e alta. Trazia na mão uma pasta preta que logo abriu.

A srta. Trelawny fez imediatamente as apresentações:

— Dr. Winchester, sr. Ross, chefe de polícia Dolan.

Cumprimentamo-nos com uma inclinação de cabeça e o homem começou sem demora seu trabalho. Todos ficamos tensos à espera, observando como cuidava do ferimento. Enquanto isso acontecia, virava-se de vez em quando para chamar a atenção do chefe de polícia para um detalhe da ferida, após o que este fez uma anotação do fato em seu caderno.

— Vejam só! Muitos cortes ou arranhões paralelos saindo do lado esquerdo do pulso e que ameaçam a artéria radial em diversos lugares. Estes pequenos ferimentos aqui são profundos e serrilhados. Parecem provocados por um instrumento rombudo. Isto aqui me parece ter sido feito com uma chave afiada; a carne foi rasgada pelo lado, devido a uma pressão.

E, virando-se para a srta. Trelawny, disse de repente:

— A senhorita crê que possamos remover a pulseira? Não é absolutamente necessário, pois deve escorregar, liberando o ferimento. Contudo, mais tarde, poderia contribuir para o bem-estar do paciente.

A pobre moça corou intensamente ao responder baixinho:

— Não sei. Moro há pouco tempo com meu pai e conheço tão pouco sua vida e seu pensamento que, infelizmente, não posso opinar.

Depois que ele lhe lançou um olhar penetrante, disse o médico, muito cordial:

— Desculpe-me. Eu não sabia desse particular, mas não se preocupe. No momento não é necessário removê-la. E, ainda que fosse o caso, eu mesmo me responsabilizaria em fazê-lo. Mais tarde poderemos retirá-la com a ajuda de uma lima. Seu pai certamente



tinha um bom motivo para usá-la. Veja, nela está pendurada uma pequena chave.

Parou e debruçou-se mais, enquanto eu segurava a vela de tal maneira que a luz incidisse sobre a pulseira. Enquanto me dizia para que continuasse a segurar a vela daquele modo, tirou uma lupa da valise e segurou-a diante dos olhos. Após um exame acurado, levantou-se, entregando a lupa a Dolan com as seguintes palavras:

— Veja o senhor mesmo: esta não é uma pulseira comum. O ouro é trabalhado sobre elos tríplexes de aço. Veja onde está gasto pelo uso. Não é tão fácil retirar isso com uma lima.

O chefe de polícia se curvou e ficou de joelhos junto ao sofá. Examinou detidamente a pulseira, virando-a e revirando-a, de tal modo que nem o mínimo detalhe lhe escapou. Levantou-se e estendeu-me a lente de aumento.

— Depois que o senhor a tiver examinado — disse ele —, acho que a srta. Trelawny deverá fazê-lo também. — E anotou tudo com detalhes em seu caderno.

Alterei sua recomendação, entregando a lupa à srta. Trelawny:

— A senhorita não gostaria de ver primeiro?

Ela recuou e levantou a mão, repelindo-a.

— Oh, não! Certamente meu pai, se quisesse que eu a tivesse visto, já teria me mostrado ele mesmo. Sem seu consentimento eu jamais o faria.

E acrescentou, para que não nos sentíssemos penalizados com sua maneira de pensar:

— Naturalmente está certo que o senhor dê a sua opinião. É preciso investigar tudo e fazer uma avaliação correta. Sou profundamente grata.

Virou-se. Percebi que lágrimas furtivas escorriam em sua face. Compreendi que, apesar de sua tristeza e de suas preocupações, doía-lhe o coração por saber tão pouco a respeito de seu pai e que essa falta de conhecimento deveria vir à tona justamente nessa hora e no meio de tantas pessoas estranhas. Por um lado, tratando-se de homens, a coisa não se tornava mais fácil, mas, por outro, em certo sentido era um alívio. Refletindo melhor, eu dava graças a Deus por não haver olhar feminino sobre ela — pois nele haveria uma empatia maior do que no olhar masculino.

Quando me ergui novamente após ter confirmado a investigação do médico, constatei que ele continuava com seu trabalho. O chefe Dolan sussurrou para mim:

— Acho que tivemos sorte com nosso médico.

Concordei, e já queria dizer algo elogioso, quando bateram de leve à porta.

## Capítulo 2

### AS ESTRANHAS INSTRUÇÕES

O chefe Dolan se aproximou da porta em silêncio. Tomara espontaneamente a iniciativa. Nós outros ficamos esperando. Dolan entreabriu a porta e, com um gesto de perceptível alívio, abriu-a de todo a fim de permitir a entrada de um jovem. Era um homem de barba feita, alto e magro, com fisionomia de águia e olhos claros e perscrutadores, que com um olhar pareciam captar tudo à volta. O chefe de polícia lhe estendeu a mão para um caloroso aperto.

— Vim assim que me deram seu recado, senhor. Alegro-me por continuar merecendo sua confiança.

— Você a terá sempre — retrucou com vivacidade o chefe de polícia. — Recordo-me dos tempos antigos em Bow Street e jamais os esquecerei.

Sem maiores preâmbulos, contou tudo o que havia acontecido até a entrada do recém-chegado. O sargento Daw fez poucas perguntas — muito poucas — sempre que era necessário para a compreensão das circunstâncias ou da relativa posição das pessoas.

Porém quase sempre Dolan, que já conhecia perfeitamente o trabalho de Daw, se antecipava a cada pergunta e explicava tudo com minúcias. De vez em quando Daw olhava à sua volta, de um lado para outro, e então para uma parte do aposento e depois de novo para o ferido deitado inconsciente no sofá.

Nem bem o chefe de polícia terminara, virou-se o sargento para mim, dizendo:

— Talvez esteja lembrado de mim, senhor. Trabalhamos juntos no caso Hoxton.

— Recordo-me perfeitamente bem — respondi-lhe, estendendo-lhe a mão.

O chefe de polícia voltou a falar:

— Sargento Daw, deve ficar bem claro que o caso está confiado absoluta e completamente ao senhor.

— Sob sua supervisão, espero — interrompeu Daw.

Dolan meneou a cabeça e falou com um sorriso:

— Parece-me que esse caso exige nossa completa dedicação e sacrifício. E, além disso, tenho ainda outras coisas a fazer. Continuo muito interessado no caso e terei o máximo prazer em ajudar no que for possível.

— Então está bem, senhor — falou Daw, aceitando a responsabilidade, curvando-se ligeiramente e dando início imediato às investigações. Em primeiro lugar, virou-se para o médico e pediu-lhe, após ter lhe perguntado nome e endereço, que fizesse um relatório detalhado a fim de que, sendo preciso, pudesse ser transmitido às autoridades. O dr. Winchester prometeu, inclinando-se grave. Nesse momento, o sargento veio até onde eu me achava e falou, a meia-voz:



— Gosto do médico. Com ele é possível trabalhar.

Virando-se para a srta. Trelawny, pediu:

— Por favor, ponha-me a par, com exatidão, do máximo que sabe a respeito de seu pai: seus hábitos, seu passado, tudo em que tinha interesse e que lhe dizia respeito.

Tive vontade de interrompê-lo para lhe dizer que ela pouco sabia sobre o pai e seus hábitos, mas ela levantou a mão e começou a falar.

— É realmente uma infelicidade que eu saiba tão pouco ou quase nada sobre meu pai. O sr. Dolan e o sr. Ross talvez possam confirmar o que tenho a dizer.

— Bem, então temos que nos contentar com o que possamos descobrir — falou Daw com cordialidade. — Farei a seguir uma investigação minuciosa. A senhora disse que se encontrava fora deste aposento quando ouviu o ruído?

— Eu estava no meu quarto quando ouvi o som estranho, que deve ter me acordado. Corri para lá imediatamente. A porta do quarto de meu pai estava fechada e eu podia ver todo o patamar e a parte superior da escada. Ninguém poderia ter saído do quarto, se é isso que está supondo.

— Sim, é exatamente isso que eu queria dizer. Se todos me dessem informações tão precisas, chegaríamos logo ao âmago das coisas.

Aproximou-se da cama, examinou-a atentamente e perguntou:

— Alguém mexeu nesta cama?

— Que eu saiba, não — retorquiu a srta. Trelawny. — Mas é melhor eu perguntar à sra. Grant, a governanta — acrescentou ela,

dirigindo-se para puxar o cordão da sineta. A sra. Grant veio pessoalmente atender à chamada.

— Entre, por favor — disse a srta. Trelawny. — Sra. Grant, estes senhores desejam saber se alguém mexeu nesta cama.

— Eu não, srta. Trelawny.

Virando-se para o sargento Daw, a srta. Trelawny respondeu:

— Então ninguém mexeu nela, pois só eu ou a sra. Grant estivemos lá o tempo todo, e não consigo imaginar que alguém do pessoal tenha se aproximado da cama depois do alarme. Olhe, meu pai estava deitado debaixo do grande sofá e todos ficaram em volta dele. E pouco depois foram mandados embora.

Com um aceno de mão, Daw mandou que permanecêssemos do outro lado do aposento, enquanto examinava com muito cuidado, através de uma lente de aumento, as cobertas e os lençóis, dobra por dobra, para colocar tudo novamente na mesma posição. Examinou a porta do lado e dedicou especial atenção a determinado local que lhe despertou grande interesse, onde o sangue havia salpicado a beirada da cama feita de madeira avermelhada lindamente esculpida. De joelhos, seguiu centímetro por centímetro a pista até sob o grande cofre, onde estivera o corpo, evitando cuidadosamente contato com as manchas. Em volta desse local descreveu um raio de vários metros. Contudo, parecia que nada de interessante havia descoberto. A seguir, dedicou atenção à parte da frente do cofre, ao local em volta da fechadura, à parte superior e inferior das portas duplas e, principalmente, ao lugar onde as portas se unem.

Depois, dirigiu-se às janelas presas por dobradiças.

— As venezianas estavam fechadas? — perguntou ele à srta. Trelawny num tom de voz casual, como se esperasse a resposta negativa que recebeu.

O tempo todo o dr. Winchester se ocupava de seu paciente, fazendo curativos nas feridas do pulso ou examinando meticulosamente a cabeça, o pescoço e a região cardíaca. E a cada vez deixava o olhar passar involuntariamente pelo aposento, como se estivesse procurando algo. Ouvimos, então, a voz profunda e forte do detetive:

— Até onde eu possa ver, tratava-se de colocar essa chave na fechadura. Por trás do mecanismo existe um segredo que não consigo descobrir, apesar de ter trabalhado um ano na firma Chubb antes de entrar para a polícia. É uma fechadura de combinação, com sete letras. Mas me parece possível ainda decodificá-la. Ela é proveniente da firma Chatwood. Passarei por lá e talvez descubra algo a respeito.

E, como seu trabalho havia terminado, virou-se para o médico e disse:

— Há alguma coisa que possa me comunicar de imediato, sem que haja inconveniente em antecipar seu relatório completo? Se tiver alguma dúvida, posso esperar, mas, quanto antes eu puder saber algo definitivo, tanto melhor.

O dr. Winchester respondeu sem hesitar:

— Eu, de minha parte, não vejo motivo para esperar. Naturalmente, farei um relatório detalhado. Mas posso adiantar o que sei, isto é, muito pouco e tudo, como presumo, fundamentado sobre base incerta. Não há ferida visível na cabeça, o que poderia esclarecer o desmaio prolongado. Portanto, devo partir do princípio



de que o homem foi drogado ou que se encontra sob a influência de hipnose. Até agora posso afirmar que ele não está sob efeito de drogas, pelo menos não de nenhuma droga cuja natureza eu conheça. É evidente que há neste aposento um odor de múmia tão pronunciado que não se pode perceber qualquer outro cheiro mais fraco que haja eventualmente. Os odores do oriente devem ter chamado a atenção de vocês, bem como de asfalto, de nardos, de resinas aromáticas e de temperos. É bem possível que, em algum lugar deste aposento, sob as várias antiguidades, encoberto por aromas mais fortes, se encontre uma substância ou fluido que poderia perfeitamente provocar esse efeito que vemos. O paciente pode ter ingerido qualquer droga e ter se ferido durante o sono. De fato, acho isso pouco provável, e talvez no decorrer das investigações eu possa provar que minhas suposições não procedem. No meio-tempo, contudo, devemos tomar tal fato em consideração.

Nesse momento, interveio Daw:

— Isso faz sentido. Mas, se assim for, precisamos encontrar o instrumento com o qual feriu a mão. Deveria haver sinais de sangue em qualquer lugar

— Exatamente — disse o médico, acertando os óculos como se estivesse se preparando para um debate. — Mas, se o paciente tomou mesmo uma droga forte, pode se tratar de uma que não tenha ação imediata. Como não conhecemos seus efeitos, caso nossa suposição esteja correta, devemos estar preparados para tudo.

A srta. Trelawny se intrometeu na conversa.

— Seria bom saber como age a droga. Mas, baseados em sua segunda suposição, a ferida deveria ter sido autoinfligida, e isso depois que os efeitos da droga tivessem se manifestado.

— Correto — falaram o detetive e o médico ao mesmo tempo.

Ela prosseguiu:

— Mas, como sua conjectura não abrange todas as possibilidades, devemos pensar que se trate de uma variante da ideia-base. Por isso, acho que, firmados nessa suposição, precisamos em primeiro lugar procurar a arma com a qual foi feito o ferimento no braço de meu pai.

— Talvez ele a tenha colocado no cofre antes de perder a consciência — disse eu a esmo, mas testando oralmente uma ideia que me viera à cabeça.

— Isto é impossível — falou apressadamente o médico. — Pelo menos julgo ser pouco provável — acrescentou, com prudência e uma ligeira mesura. — A mão esquerda está cheia de sangue, mas não vejo marcas de sangue no cofre.

— É isso mesmo — disse eu, depois de uma grande pausa.

O médico foi o primeiro a quebrar o silêncio.

— Aqui precisamos de uma enfermeira o mais rápido possível. E conheço uma que vem a calhar. Vou buscá-la imediatamente. Até a minha volta alguém deve ficar sempre ao lado do paciente. Mais tarde talvez seja preciso transferi-lo para outro aposento. Mas, por enquanto, ele está bem aqui. Srta. Trelawny, poderei contar que a senhorita ou a sra. Grant fiquem aqui, não apenas aqui no quarto, mas ao lado do paciente, sem tirar os olhos de cima dele até que eu volte?

Ela assentiu com a cabeça e se sentou no sofá. O médico lhe deu instruções para o caso de seu pai recobrar a consciência antes que retornasse.

Dolan se aproximou de Daw e disse a meia-voz:

— Agora é melhor que eu volte ao posto policial, a menos que queira que eu permaneça um pouco mais.

Daw perguntou:

— Johnny Wright ainda está no seu setor?

— Sim. O senhor gostaria que ele viesse colaborar?

O outro assentiu.

— Então, vou lhe enviar o rapaz tão logo eu o localize. Ele ficará com o senhor o tempo que for preciso. Eu lhe direi que deverá receber as suas instruções.

O sargento acompanhou Dolan até a porta.

— Eu lhe agradeço. O senhor sempre se preocupa tanto com seus colaboradores... Fico satisfeito por estarmos trabalhando novamente juntos. Agora volto apressado à Scotland Yard para fazer meu relatório e entregá-lo a meu superior. Depois disso irei até Chatwood. Vou me apressar bastante e logo estarei aqui de volta.

E, virando-se para a srta. Trelawny, acrescentou:

— Presumo que me seja possível ficar aqui por um ou dois dias? Talvez eu lhe seja uma ajuda ou um consolo, se ficar por perto enquanto essa charada estiver sendo resolvida.

— Eu seria muito grata ao senhor.

Olhou fixamente para ela antes de prosseguir:

— Pode me dar licença para examinar a cômoda e a escrivaninha de seu pai antes de me retirar? É possível que haja alguma coisa que nos dê uma pista ou pelo menos uma indicação.

A resposta dela, bem clara, causou-lhe imenso espanto.

— O senhor tem a minha completa anuência para fazer tudo o que for necessário para nos ajudar a resolver essa coisa horrível, a fim



de que possamos finalmente descobrir o que há com meu pai e como poderemos protegê-lo no futuro.

Imediatamente começou uma sistemática procura na cômoda e na escrivaninha. Numa das gavetas descobriu uma carta selada que entregou na mesma hora à srta. Trelawny.

— Uma carta para mim, com a letra de meu pai! — exclamou ela, espantada, enquanto abria o envelope. Eu a observava atentamente durante a leitura. Como notei que também Daw não tirava os olhos dela, fiquei olhando para ele. Quando a srta. Trelawny terminou de ler a missiva, formou-se em mim uma convicção que guardei para mim.

Entre as suspeitas que o detetive havia imaginado, existia outra possível, porém não definida: a que apontava para a srta. Trelawny.

Por vários motivos ela manteve a carta na mão, com o olhar baixo e pensativo. Voltou, então, a lê-la com cuidado. Dessa vez se tornaram ainda mais visíveis na sua fisionomia as inúmeras sensações, e pensei poder segui-las com facilidade. Parou a seguir e, com alguma hesitação, entregou a carta ao detetive, que a leu com uma expressão atenta, mas impassível. Leu uma segunda vez e lhe devolveu a carta com uma inclinação. Ela hesitou um pouco antes de me entregar a missiva, erguendo para mim por instantes um olhar suplicante. A testa e as faces enrubesceram ligeiramente.

Peguei a carta com sentimentos contraditórios, mas ao mesmo tempo satisfeito. Ela entregara a carta ao detetive sem emoção alguma — não precisaria demonstrar a ninguém seus sentimentos, mas sim para mim —, e eu não queria dar vazão a esse pensamento e comecei a ler, sabendo muito bem que os olhares da srta. Trelawny e de Daw estavam cravados em mim.



*Minha querida filha — esta carta é uma missão de absoluto compromisso, não admitindo o mínimo desvio no caso de me acontecer alguma coisa infeliz ou inesperada, provocada por ti ou por outros. Se, de repente, eu for acometido por uma forma misteriosa de doença, um acidente, ou se eu for vítima de um ataque, deve seguir à risca estas instruções. No caso de não me encontrar em meu quarto quando souber do ocorrido, faça o possível para que eu seja levado para lá com a maior presteza. Também no caso de minha morte, meu corpo deve ser levado para meu quarto. A partir daí não devo ser deixado sozinho nem por um instante até que eu recupere a consciência e possa, eu mesmo, dar as instruções ou até que eu seja enterrado. Pelo menos duas pessoas devem permanecer no quarto desde o início do crepúsculo noturno até o aparecimento do sol. Seria aconselhável que uma enfermeira cuidasse de mim de vez em quando e tomasse conhecimento de todos os sintomas constantes ou variáveis. Meus advogados, Marvin e Fenkins, localizados no no 27 da B. Lincoln's Inn, têm minhas exatas instruções para o caso de minha morte. E o próprio sr. Marvin vai supervisionar se meus desejos foram atendidos. Querida filha, você não tem nenhum parente a quem possa recorrer, e eu a aconselho que peça a uma pessoa amiga de sua confiança que fique com você na casa, onde podem ter contato permanente, ou que peça para ajudá-la na vigília noturna, ou, pelo menos, para estar por perto, onde possa ser logo encontrado. Essa pessoa amiga poderá ser homem ou mulher. Tanto faz. Contudo, na segunda noite, quem ficar de vigília ou vier ajudar tem que ser, forçosamente, do sexo oposto. Compreenda, por favor, que é para mim decisivo e da maior importância que as pessoas que ficarem à minha volta para me assistir sejam uma do sexo masculino e a outra do feminino. Querida Margaret, insisto mais uma vez em lhe dizer que deve fazer tudo exatamente como exposto, ainda que lhe pareça estranho. Se por acaso eu adoecer ou for ferido, o fato não será coisa normal. Por isso estou avisando: para que esteja prevenida.*

*Nada deve ser mudado de lugar no meu quarto — estou falando agora das raridades —, seja por que motivo for. Tenho minhas razões e finalidades para a colocação de cada objeto. Qualquer modificação na posição poderia inutilizar meu plano.*

*Se precisar de dinheiro ou de conselho, o sr. Marvin estará à sua disposição. Ele tem as minhas correspondentes instruções.*

*Abel Trelawny*

Reli a carta antes de dizer algo, pois receava me trair. O conselho para que se voltasse para um amigo seria para mim de importância vital e me traria sérias consequências. Eu já tinha um motivo de esperança por ela ter procurado a minha ajuda no momento de maior necessidade. Mas o amor sempre tem as suas dúvidas, e fui tomado ao mesmo tempo por uma grande apreensão. Meus pensamentos se precipitavam, e, em poucos segundos, eu já havia programado toda uma série de possibilidades. Eu não deveria me apresentar como o amigo que seu pai recomendara para apoiá-la na vigília noturna. Porém, esse único olhar continha uma lição que eu não deveria ignorar. Não tinha ela pedido ajuda mandando me chamar — um estranho, levando em consideração que houvera apenas um encontro num baile e uma curta e agradável tarde no rio? Não significaria para ela uma humilhação ter que me pedir duas vezes? Que humilhação! Não. Tamanha tortura eu poderia lhe poupar, pois uma recusa não seria humilhação alguma. Por isso, ao devolver-lhe a carta, falei:

— Trelawny, a senhorita certamente me perdoará se eu tiver ido longe demais com o meu pedido, mas me sentirei orgulhoso se me permitir que faça a vigília noturna. Ainda que seja uma ocasião triste, esse privilégio me tornaria muito feliz.

Apesar de sua perceptível e dolorosa aflição para se controlar, a srta. Trelawny corou até a raiz dos cabelos. Até seus olhos pareciam alterados e faziam enorme contraste com o pálido rosto, à medida que a onda avermelhada desaparecia.

Falou em voz baixa:

— Eu lhe serei eternamente grata por sua ajuda. — E prosseguiu logo. — Mas não deve deixar que eu seja egoísta nesta



hora de aperto. Sei que o senhor tem outras obrigações a cuidar. Por isso mesmo aprecio muito sua ajuda, mas não seria justo ocupar totalmente seu tempo.

— No que me diz respeito — retruquei —, meu tempo pertence à senhorita. Hoje em dia posso dividir meu trabalho com facilidade; virei à tarde e ficarei até a manhã do dia seguinte. E sempre que for preciso, cuidarei para poder dispor de mais tempo.

Ela estava muito emocionada, e reparei que precisou se virar, porque seus olhos ficaram marejados.

O detetive falou:

— Ross, fico mais calmo ao saber que o senhor também estará presente. Eu mesmo ficarei caso a Scotland Yard esteja de acordo. Essa carta faz com que tudo apareça sob uma luz bem diferente, ainda que a charada seja maior do que antes. Se o senhor puder ficar umas duas horas, falarei com meus superiores e procurarei a firma de instalação de cofres. Após isso, voltarei imediatamente e o senhor poderá partir descansado, pois ficarei aqui.

A srta. Trelawny e eu continuamos em silêncio depois da partida do detetive. Finalmente, ela levantou o olhar e me fitou. E eu não teria trocado minha posição com nenhum rei. Um pouco depois ela se dirigiu até o divã de seu pai e pediu-me que ficasse, sem tirar os olhos dele. Depois saiu.

Um pouco mais tarde ela voltou na companhia da sra. Grant e seguida por duas empregadas e alguns criados que traziam uma cama de ferro desmontada. Puseram-se a armá-la e a cobriram com os lençóis. Mal o trabalho terminara e os criados se retiraram, ela falou:

— É melhor que estejamos preparados para a volta do médico. Certamente vai querer colocar meu pai na cama, pois não está bem

acomodado no sofá — puxou uma cadeira e sentou-se ao lado do pai.

Eu, porém, dei uma volta pelo quarto e verifiquei tudo meticulosamente. E aqui havia muitas coisas para aguçar a curiosidade das pessoas — mesmo em circunstâncias menos estranhas. Com a exceção de um ou outro objeto que pertencia mesmo a um quarto de dormir, o aposento estava repleto de preciosidades antigas, quase todas provenientes do Egito. Mesmo sendo um cômodo de grandes dimensões, havia lugar suficiente para colocar muito mais coisas, ainda que de grandes proporções.

Enquanto eu ainda me ocupava com o exame do quarto, ouviu-se embaixo o ranger de rodas no cascalho. Ao soar da campainha de entrada, entrou, depois de uma curta batida na porta e do correspondente convite, o dr. Winchester seguido por uma jovem vestida com um uniforme escuro.

— Tive sorte — disse ele assim que penetrou no recinto. — Eu a encontrei logo, logo, e felizmente estava livre. Srta. Trelawny, esta é a enfermeira Kennedy.

# Capítulo 3

## A VIGÍLIA

Chamou-me a atenção a maneira pela qual as duas jovens se olharam. O hábito de estudar a personalidade das testemunhas e seu modo de agir me é tão inato que eu o mantenho mesmo fora da sala do tribunal. E nesse instante de minha vida tudo o que interessava à srta. Trelawny me interessava também. Como ela ficara impressionada com a recém-chegada, fiz instintivamente uma apreciação sobre a enfermeira. Numa estimativa entre as duas, pareceu-me fácil fazer uma avaliação bem mais nítida sobre a srta. Trelawny. Não poderia haver uma diferença maior do que a que existia entre as duas mulheres. A srta. Trelawny era uma pessoa esbelta e graciosa, morena, dotada de feições harmoniosas. Tinha olhos maravilhosos — grandes, pretos, aveludados e misteriosamente profundos. Um olhar nesses olhos era como se mirar num espelho negro como o que tem o dr. Dee em seu consultório mágico. Numa excursão eu ouvira como um senhor de idade, um conhecido viajante do oriente, descrevera o efeito de seus



olhos: “Como se vislumbrasse durante a noite, a certa distância, as grandes lâmpadas através dos portões abertos de uma mesquita.”

Nela, as sobrancelhas eram típicas. Curvas espessas formavam uma moldura arquitetônica para os olhos profundos e brilhantes. O cabelo também era negro, ainda que sedoso. De modo geral, cabelo negro é sinal de força animal e exprime uma natureza forte. Esse, no entanto, não era propriamente o caso. Estávamos diante de um tipo refinado e de alta linhagem, e ainda que não houvesse qualquer sinal de fraqueza, a indicação de força existente era mais intelectual do que física. Todo o seu ser parecia em perfeita harmonia. Postura, figura, cabelo, olhos, vivacidade, boca, cujos lábios vermelhos e dentes brancos animavam a parte inferior do rosto, o largo maxilar partindo do queixo até as orelhas, os dedos longos e macios, a mão que se movimentava como se tivesse a própria faculdade perceptiva. Todas essas qualidades reunidas formavam uma personalidade que predominava por meio de graça, doçura, beleza e charme. Em contrapartida, a enfermeira Kennedy não alcançava uma estatura mediana feminina. Era robusta e atarracada, dotada de membros redondos e mãos largas, fortes e capazes. Na coloração, lembrava folhas de outono. O cabelo, de um louro-escuro, era espesso e comprido, os olhos castanho-dourados iluminavam um rosto sardento e queimado. Suas bochechas acentuavam a impressão de morenice. O mesmo se dava com os lábios vermelhos e os dentes brancos. Indubitavelmente tinha um narizinho arrebitado. Mas, como todos os narizes desse tipo, era sinal de uma natureza boa, generosa e imperturbável. A fronte alta e branca, livre de sardas, indicava lucidez e um caráter de pensamentos fortes.

O dr. Winchester já lhe dera os detalhes imprescindíveis durante a viagem, no caminho até o hospital. Sem dizer palavra, ela se pôs ao trabalho e tomou o paciente sob seus cuidados. Após ter verificado se estava tudo certo na cama recém-feita e afofado os travesseiros, voltou-se para o médico, que lhe deu mais instruções. Nós quatro suspendemos o desmaiado do sofá.

Logo que o sargento Daw voltou no início da tarde, fiz uma visita à minha casa em Jermyn Street e juntei umas peças de roupa, livros e papéis de que eu provavelmente iria precisar nos próximos dias. Fui, então, tratar das minhas obrigações profissionais. O julgamento se arrastou, pois se tratava de um caso importante, mas afinal terminou. Eram 18 horas em ponto quando passei pelo portão do Kensington Palace Road. Fui admitido num grande aposento, junto ao do doente.

Naquela noite havíamos combinado a vigília apenas de modo provisório, de modo que a distribuição não ficou muito justa. A enfermeira Kennedy, que estivera em seu posto durante o dia todo, recostou-se e queria voltar ao trabalho à meia-noite. O dr. Winchester, que deveria jantar na casa, permaneceu no quarto do doente até que se fez ouvir a sineta chamando para a refeição. Após o repasto, voltou imediatamente a seu posto. Durante o jantar, a sra. Grant ficou com o paciente, tendo o sargento Daw a seu lado, pois este queria terminar uma investigação meticulosa do aposento inteiro e de suas adjacências.

Às 21 horas a srta. Trelawny e eu rendemos o médico. Ela havia descansado algum tempo na parte da tarde, a fim de estar alerta durante a vigília noturna. Esclareceu-me que resolvera dessa forma para poder pelo menos ficar acordada a noite toda. No



começo não tentei nada para fazê-la mudar de ideia, pois sabia que sua resolução era inabalável. Da minha parte, não deixei transpirar as minhas intenções.

Entramos nas pontas dos pés, de forma que o médico, curvado sobre a cama do paciente, não percebeu nossa entrada e ficou até um pouco assustado ao notar a nossa presença e que o fitávamos. Senti que o mistério do caso estava dando nos seus nervos, bem como nos de alguns de nós. É provável que tenha ficado um pouco zangado devido ao susto, pois começou a falar de repente e apressadamente para que não tivéssemos ideia de que lhe era desagradável.

— Cheguei ao final de meus conhecimentos no que se refere ao motivo dessa letargia. Até realizei uma investigação tão meticulosa quanto possível e constatei com satisfação que não existe nenhum ferimento no cérebro, pelo menos não na parte externa. Todos os órgãos vitais parecem intactos. Como sabe, várias vezes o alimentei, o que aparentemente lhe fez bem. A respiração está forte e regular; seu pulso, mais lento e vigoroso do que hoje pela manhã. Não consigo reconhecer sinal algum de que esteja sob a influência de qualquer droga conhecida, e seu estado de inconsciência não se parece em nada com um dos numerosos casos de sono profundo ou hipnose que observei no Hospital Charcots, em Paris. No que se refere a essas cicatrizes — colocou levemente o dedo sobre o pulso enfaixado posto sobre a coberta —, não sei o que pensar a respeito. Elas podem ter sido provocadas por uma máquina de cardar. Mas não posso afirmar categoricamente; é apenas uma suposição. Existe sempre a possibilidade de que um animal selvagem o tenha atacado no caso de estar afiando cuidadosamente as garras. Mas devemos descartar essa hipótese, por ser pouco provável. Será que há na casa

algum animal doméstico, como um gato do mato ou coisa parecida, fora do comum?

A srta. Trelawny sorriu com tristeza, o que me provocou uma pontada no coração. Ela respondeu:

— Não, de maneira alguma. Meu pai não admitia que animal nenhum vivesse aqui em casa, exceto morto ou mumificado — enunciou tais palavras com um toque de amargura ou, quem sabe, de ciúme, não consegui diferenciar. — Até o meu gatinho mais querido e bem-comportado era apenas admitido com bastante relutância aqui em casa. Ele é o mais querido e bem-comportado gatinho do mundo e tem consentimento para ficar somente até segunda ordem. A entrada neste aposento lhe era vedada.

Mal havia terminado de falar quando se ouviu um leve ruído no trinco. A expressão do rosto da srta. Trelawny se iluminou. Deu um pulo e correu até a porta, dizendo:

— Aqui está ele, meu Silvio! Quando quer entrar num aposento, ele se apoia sobre as patas traseiras e, com as dianteiras, bate no trinco. — Ela abriu a porta e cumprimentou o gato como se estivesse falando com uma criancinha. — Gostaria de entrar, não? Então, venha. Mas tem que se comportar e ficar do meu lado.

Suspendeu o gato e voltou com o animal nos braços. Era um magnífico bichano. O gato de raça persa, da uma cor cinza-chinchila, com pelo sedoso, tinha um ar altivo, apesar de sua suavidade. Com as grandes patas estendidas, deu um pulo para o chão e se libertou, esquivando-se dos braços de sua dona, que o afagava. Passeou pelo aposento e parou diante de uma mesa baixa sobre a qual estava uma múmia de animal. O gato começou a miar e a bufar. Logo a srta. Trelawny tornou a pegá-lo nos braços, ainda

que ele tivesse começado a se debater ativamente. Encolhia-se e revirava-se, mas não arranhava nem mordia, pois obviamente amava a sua bela dona. Assim que ela conseguiu prendê-lo em seus braços, ele se acalmou. Em tom sussurrante, ela o exortava:

— Silvio, você é mau, mau. Eu me responsabilizei por você e agora se comporta dessa maneira?! Bom, diga agora boa-noite para estes senhores e venha comigo para o meu quarto.

Dizendo essas palavras, estendeu-me a pata do gato para que eu a segurasse. Assim o fiz, e não pude evitar admirar o seu tamanho e a sua beleza.

— Hum, parece uma luva de boxe com garras — observei.

Ela sorriu.

— E é para ser mesmo. Percebeu que meu Silvio tem sete dedos — disse, abrindo a pata. Realmente, o animal tinha sete garras, protegidas por finas e delicadas coberturas do feitio de uma concha.

Enquanto eu acariciava levemente a patinha, as garras se abriram e acidentalmente arranhou-me na mão, porque naquela hora a sua raiva já havia passado. Afastei-me e exclamei:

— Mas que garras afiadas!

O dr. Winchester se aproximou e se curvou sobre a pata do gato. Enquanto eu ainda falava, disse em voz alta:

— Ora, vejam só!

Ouvi quando prendeu fortemente a respiração. Fiquei a acariciar o animal, que havia se aquietado. O médico se dirigiu até a mesa e rasgou um pedaço do mata-borrão, que colocou sobre a palma da mão, e, virando-se, pegou na pata do gato e falou diretamente para ela:

— Permita-me!



Segurou na patinha do animal e a pôs por cima do mata-borrão. O altivo bichano pareceu se ressentir com a familiaridade e quis retirar a pata. Mas o mesmo queria o médico, e com isso as garras se abriram e rasgaram o papel.

A srta. Trelawny carregou o gato para fora. Após alguns minutos, voltou, dizendo ao entrar:

— É estranho o que houve com a múmia do animal. Anteriormente, quando Silvio entrou neste quarto pela primeira vez, para que eu o mostrasse a meu pai, ele se comportou da mesma forma. Pulou sobre a mesa e tentou arranhar e morder a múmia. Isso fez com que meu pai ficasse furioso e expulsasse o pobre Silvio. Ele só conseguira ser admitido dentro de casa porque me responsabilizei pela sua boa conduta.

Enquanto ela estivera ausente do quarto, o dr. Winchester havia retirado a faixa do pulso de seu pai. O ferimento era bem visível, ressaltando cada corte. O médico colocou o mata-borrão com as marcas das garras ao lado da ferida. Olhou-nos triunfante e nos chamou.

Os rasgões no mata-borrão coincidiam exatamente com a ferida no pulso. Um esclarecimento era supérfluo, e o médico falou:

— O pequeno Silvio não cumpriu a palavra.

Todos ficamos parados. Mas, de repente, a srta. Trelawny disse:

— Mas ontem à noite Silvio nem esteve aqui.

— Tem certeza disso? Poderia provar, no caso de ser necessário?

Ela hesitou um pouco antes de responder.

— Estou bem certa. Mas tenho receio de que seja difícil provar. Silvio dorme no meu quarto numa cestinha. Estou certa de que ontem eu o pus para dormir. Recordo-me perfeitamente de que o cobri com uma colchinha e a prendi. Hoje de manhã o retirei com minhas próprias mãos da cestinha. Aqui dentro estou persuadida de que não o vi, ainda que não signifique nada, porque estive tão fora de mim e tão ocupada com meu pai que realmente não teria notado Silvio.

O médico sacudiu a cabeça e, com um toque de preocupação na voz, disse:

— Bom, em todo caso não adianta querer provar qualquer coisa no momento. Neste espaço de tempo que se passou, cada gato do mundo já teria tido tempo de limpar as próprias garras das marcas de sangue, caso existissem algumas.

Novamente se fez um silêncio, quebrado pela srta. Trelawny.

— Se entendi bem, não poderia ter sido o Silvio que feriu meu pai. Minha porta estava fechada quando ouvi o primeiro barulho, e a do meu pai também se encontrava fechada quando ali encostei o ouvido. Quando entrei, os ferimentos já existiam. Devem ter sido infligidos antes de Silvio entrar.

Essa era uma prova irrefutável, especialmente para mim, como jurista, pois seria argumento suficiente perante os jurados. E para mim, pessoalmente, era muito agradável que Silvio tivesse sido absolvido, sobretudo porque pertencia à srta. Trelawny e tinha o seu amor. Animal feliz! A dona de Silvio ficou visivelmente contente quando falei:

— Veredicto: inocente.

E o dr. Winchester acrescentou após alguns instantes:

— Sou obrigado a me desculpar com Silvio. Ainda assim eu gostaria de saber o que ele tem contra essa múmia. Pode me dizer se ele se comporta de modo semelhante em relação às outras múmias da casa? Presumo que haja muitas por aqui. Sim, somente no vestíbulo já vi três.

— Sim, existem muitas — respondeu ela. — Às vezes não sei se me encontro numa residência particular ou no Museu Britânico. Mas Silvio fica frio com todas, menos com esta. Talvez por ser uma múmia de animal.

— É até mesmo provável que seja a múmia de um gato — disse o médico, que se levantou a fim de poder examiná-la mais de perto. — Sim — prosseguiu —, é múmia de gato. E, além disso, muito bonita. Se não se tratasse do querido de uma pessoa importante, esse animal não teria merecido tantas honrarias. Veja! Uma urna pintada e os olhos de “pedra de Óbsio”, como em múmias humanas. Não é comum um animal reconhecer a própria espécie. Isto aqui é um gato morto, nada mais. Tem talvez uns 4 ou 5 mil anos, e outro gato de outra raça, num mundo completamente diferente, quer se atirar sobre ele como se estivesse vivo. Se não tiver nada em contrário, srta. Trelawny, eu gostaria de fazer algumas investigações com ele.

A jovem hesitou antes de responder:

— Sim, naturalmente, faça tudo que achar necessário e acertado. Espero apenas que não seja prejudicial ao meu pobre Silvio.

— Ora, nada vai acontecer a Silvio. Reservemos nossos sentimentos para o outro.

— Como devo entender isso?



— O jovem Silvio vai fazer o papel de agressor, e o outro gato, a parte da vítima passiva.

— Passiva? Isso está me soando mal.

O médico deu um largo sorriso.

— Não tenha medo. No nosso entender, não será um sofrimento; no máximo poderá afetar a estrutura e a parte externa.

— Por Deus, o que quer realmente dizer com isso?

— Muito simples, minha querida jovem: o oponente será uma múmia igual a esta, pois presumo que se possa conseguir uma no Museum Street, onde devem existir inúmeras delas. E espero que a senhorita não fique com a sensação de que uma curta troca vá infringir as instruções deixadas por seu pai. Será possível tirar a limpo se Silvio tem aversão a todas as múmias de gato ou apenas a esta aqui.

— Não estou certa — falou ela, cheia de dúvidas. — As instruções de meu pai são tão categóricas e intransigentes... — Após ligeira pausa, acrescentou. — Nessas circunstâncias, porém, tudo deve ser feito pelo bem do meu pai. Penso que uma múmia de gato não seja nada de especial.

O dr. Winchester nada falou. Estava sentado, imóvel, e com uma fisionomia tão séria que essa seriedade também tomou conta de mim. Nessa situação de constrangimento percebi com bastante clareza quanto era estranho esse caso com o qual eu estava tão fortemente envolvido. Uma ideia súbita não me largava. Ao contrário, crescia, florescia e multiplicava-se em milhares de diferentes facetas. O aposento inteiro e tudo o que nele se encontrava davam margem a estranhas considerações. Viam-se aqui tantas coisas antigas que instintivamente a pessoa se sentia

transportada para países estrangeiros. Essas inúmeras múmias e objetos mumificados pareciam reter eternamente o penetrante odor de asfalto, de temperos e de resina — “O cheiro picante de nardos e narcisos”, como se diz —, e não era possível mesmo esquecer o passado. Além disso, havia somente uma luz difusa no aposento, nenhuma luminosidade direta proveniente de um ser ilusório que nos fizesse esquecer a falta de companhia. Era um quarto grande e de pé-direito alto.

Nessa amplidão havia lugar para um monte de coisas muito pouco comuns num quarto de dormir. Nos cantos mais afastados, viam-se sombras de formas sinistras. Mais de uma vez, senti-me oprimido durante minhas reflexões, pressentindo a presença do passado, de modo que me surpreendi olhando temeroso à minha volta, como se lá houvesse uma personalidade ou uma influência de tipo estranho. Nem a presença visível do dr. Winchester e da srta. Trelawny me trazia nesse momento consolo ou satisfação. Assim percebi com alívio que, com a figura da enfermeira Kennedy, entrara uma nova personalidade. Não existia nenhuma dúvida de que a objetiva, autoconfiante e capaz jovem acrescentava às minhas imagens fantasiosas um elemento de segurança. Seu bom senso dava a impressão de penetrar em tudo à sua volta como se fosse uma emanção. Até o presente momento eu havia imaginado coisas fantásticas a respeito do doente, tanto que envolveram tudo o que o rodeava como a mim mesmo. Nem bem a enfermeira entrara, ele já não era mais do que um paciente. O aposento voltou a ser um quarto de doente e as sombras deixaram de ser amedrontadoras. O único fato que não se podia eliminar era o estranho odor egípcio. Coloque uma múmia numa redoma de vidro e feche-a

hermeticamente, para que o ar não a decomponha — e ainda assim a múmia terá esse cheiro. Deve-se supor que quatro ou cinco mil anos fossem suficientes para acabar com qualquer odor, porém a experiência diz que os aromas continuam e são uma charada para nós. Eles permanecem até hoje cheios de mistério, como na época em que o embalsamador colocou o cadáver num banho de soda.

De repente me levantei. Eu havia me deixado envolver por uma fantasia. Esse cheiro egípcio se apoderara de meus nervos, do meu pensamento e até da minha vontade.

Nesse exato momento tive um pensamento, como se fosse uma inspiração. Já completamente influenciado pelo odor, não seria possível que o doente, que havia passado mais da metade da vida nesse ambiente, tivesse sido gradualmente impregnado através de processos lentos porém incessantes, formando esse conjunto uma nova força, ou...

Novamente me perdi num devaneio. Não, isso não podia continuar. Eu tinha que encontrar um método para permanecer acordado e livre desses pensamentos acalentadores.

Na véspera eu conseguira dormir unicamente a metade da noite, e na próxima eu teria que ficar acordado. Sem dar a perceber a minha intenção, a fim de não aumentar a aflição e o aborrecimento da srta. Trelawny, desci e me retirei. Logo encontrei uma farmácia, onde comprei um aparelho de oxigênio. Ao voltar, já eram 22 horas. O médico estava querendo se despedir. A enfermeira o acompanhou até a porta do quarto do doente e recebeu dele as últimas instruções. A srta. Trelawny encontrava-se sentada, imóvel, ao lado da cama. O sargento Daw, que havia entrado no aposento quando o médico se retirara, ficara parado a certa distância.



Quando a enfermeira Kennedy se aproximou de nós, combinamos que ela faria a vigília até as duas da madrugada, quando então a srta. Trelawny viria rendê-la. Com esse procedimento seriam seguidas à risca as instruções do sr. Trelawny, isto é, um homem e uma mulher sempre presentes no aposento. E cada um ficaria um pouco mais, de modo que o novo par de vigilantes pudesse ser inteirado imediatamente de tudo, caso algo tivesse acontecido. Deitei-me no sofá em meu quarto. Ficara combinado que um dos empregados me acordaria um pouco antes da meia-noite. Em pouco tempo adormeci.

Ao ser acordado, precisei de um tempo até conseguir juntar meus pensamentos e perceber quem eu era e onde me encontrava. Entretanto, as poucas horas de sono me foram benéficas, e eu já podia ver as coisas à minha volta com mais clareza do que nas primeiras horas da noite. Passei água no rosto e, reconfortado, dirigi-me ao quarto do doente, sem fazer qualquer ruído. A enfermeira, calma e atenta, estava sentada ao lado da cama. O detetive havia se sentado numa poltrona do outro lado do quarto. Não se mexeu quando me aproximei. Assim que cheguei perto dele, sussurrou-me:

— Tudo em ordem. Não adormeci.

Uma observação completamente desnecessária, pensei eu. Quando lhe informei que sua vigília acabara e que poderia ir para a cama até que eu fosse acordá-lo às seis da manhã, pareceu ficar aliviado e se retirou apressado. À saída, virou-se, deu meia-volta e murmurou:

— Tenho um sono leve e ficarei com o revólver à mão. Dou graças a Deus por estar saindo. Esse cheiro de múmia faz minha cabeça ficar pesada.

A mesma sonolência se apoderara dele como de mim na noite passada.

Perguntei à enfermeira se precisava de alguma coisa. Percebi que em seu colo havia um frasco de sais. E óbvio que também sentira a influência que me envolvera. Respondeu-me que tinha tudo de que precisava, mas que me diria imediatamente se por acaso necessitasse de algo. Eu não queria que ela percebesse meu aparelho de oxigênio, por isso voltei no escuro para uma poltrona atrás dela. Primeiro coloquei a máscara e depois fiquei à vontade.

Fiquei sentado durante um longo tempo e deixei correr livremente meus pensamentos. Eles eram turbulentos e tumultuados, como era natural, depois das ocorrências do dia e da noite anteriores. Surpreendi-me refletindo a respeito do que havia com o cheiro egípcio e tive enorme satisfação ao verificar que já não era tão forte. O aparelho de oxigênio estava cumprindo a sua missão. É provável que a calma tivesse tomado o lugar dos pensamentos alarmantes, uma consequência natural da posição física de descanso, pois vi diante de mim um sonho — sonhava, se bem que não possa me lembrar de ter adormecido ou de ter acordado após um sono.

Estava com a máscara de oxigênio diante do rosto e sabia que podia respirar livremente. A enfermeira continuava sentada na cadeira, de costas para mim. O doente, deitado na cama, como morto. Tudo isso era mais semelhante a uma cena do que à realidade. Todos parados e quietos, e essa quietude e inércia continuavam. De fora, eu ouvia o barulho da cidade ao longe, o rolar das carruagens, o grito de um bêbado, o eco longínquo de apitos e chocalhar de trens. A luz baixa, sob a lâmpada coberta pela cúpula, parecia mais quebrar a luz do que propriamente iluminar. O abajur

de seda verde tinha tomado a cor da esmeralda ao luar; o quarto inteiro estava repleto de sombras. Meus pensamentos confusos davam a exata impressão de que as coisas reais haviam se tornado sombras, que se moviam subindo pelos contornos das janelas altas e que tinham vontade própria. Pensei mesmo ter ouvido um ruído como o miar do gato, o farfalhar das cortinas e um leve som metálico, como se alguém estivesse passando baixinho um metal contra o outro. Fiquei como em transe. Afinal, tive a sensação, como num pesadelo, de que tudo o que estava acontecendo era um sonho e que eu perdera a força de vontade ao atravessar os umbrais.

Súbito, meus sentidos ficaram alertas. Aos meus ouvidos ecoou um grito estridente. O quarto ficou iluminado de repente. Ouvi tiros de revólver — um, dois. Uma fumaça branca como nuvem encheu o quarto. Quando meus olhos abertos puderam enxergar de novo, a visão que tive diante de mim quase me fez gritar de pavor.



# Capítulo 4

## A SEGUNDA TENTATIVA

O que meus olhos viam pertencia ao horror de um sonho dentro do sonho com a correspondente consciência da realidade. O quarto continuava como antes; apenas as sombras tinham dado lugar à claridade das inúmeras lâmpadas, e cada coisa se delineava distinta e claramente. A enfermeira Kennedy estava sentada perto da cama vazia, exatamente como eu a vira antes, ereta e com uma almofada às costas. Seu pescoço hirto lhe dava um ar de catalepsia. Parecia feita de pedra. Sua fisionomia não demonstrava qualquer anormalidade, medo ou horror, nada que fosse de esperar em tal situação. Os olhos abertos não espelhavam nem espanto nem interesse. Era simplesmente uma existência negativa, morna, respirando, calma, ainda que sem consciência do que ocorria em volta. A roupa de cama estava revirada como se tivessem arrancado o paciente de sob as cobertas. Um dos lençóis pendia quase até o chão. Perto, via-se uma das ataduras com a qual o médico envolvera o pulso ferido. Havia uma segunda e uma terceira, um pouco mais longe, junto a uma

pegada que levava para o local onde deveria se encontrar o doente. Este jazia exatamente no mesmo lugar da noite anterior, isto é, ao lado do grande cofre.

Outra vez o braço esquerdo apontava para o cofre. Porém, houvera um segundo ataque, numa tentativa de decepar a mão rente à pulseira com a chave. Fora utilizada uma pesada faca Kucrici retirada da parede — do tipo achatada, muito usada pelos gurcas e por outras tribos indianas. Via-se claramente que a arma havia parado no instante da picada, porque a carne fora levemente atingida pela ponta da faca, e não pela lâmina. A parte externa do braço estava cortada até o osso e o sangue jorrava aos borbotões. A ferida antiga na parte interna do braço fora terrivelmente rasgada ou cortada, de onde escorria o sangue no ritmo da pulsação. A srta. Trelawny ajoelhou-se ao lado do pai, numa poça de sangue, que impregnava a camisola branca. No meio do aposento, o sargento Daw estava de pé, vestindo calça, camisa e meias. Mecanicamente tentava carregar a arma. Tinha os olhos vermelhos e cheios de sono. Parecia ainda meio adormecido e só compreender o ocorrido com metade da mente.

Alguns empregados se agrupavam na entrada, com diferentes tipos de iluminação. Quando me levantei e cheguei mais perto, a srta. Trelawny levantou os olhos. Logo que me viu, deu um grito e se ergueu de um salto, apontando com um dedo na minha direção. Jamais hei de esquecer a estranha expressão de seu rosto. A camisola branca estava cheia de sangue, que escorria para seus pés nus, ao se levantar da poça. Creio ter apenas cochilado e que aquela força que envolvera o sr. Trelawny e a enfermeira Kennedy — e com menos intensidade também o sargento Daw — não me atingira. A máscara

de oxigênio me prestara um grande serviço, ainda que não tivesse evitado a tragédia, cujo resultado eu presenciava. Agora entendo o choque que devo ter causado com o meu aparecimento — levando em consideração o ocorrido anteriormente. Eu ainda usava a máscara de oxigênio e tinha o cabelo revolto.

Como apareci subitamente de máscara e todo desarrumado no meio do pessoal amedrontado, devo ter dado uma impressão muito assustadora. Foi bom ter percebido tudo com antecedência e, com isso, evitado uma segunda catástrofe, pois o ainda confuso detetive reagiu mecanicamente e apontou a arma para mim. Consegui retirar a tempo a máscara e gritei para ele, fazendo-o parar. Nos olhos avermelhados e cheios de sono não se notava traço de que estivesse consciente de seus atos. Assim mesmo o perigo havia passado. De qualquer maneira, conscientizamo-nos de que a situação se tornara menos tensa. A sra. Grant havia reparado que a srta. Trelawny se encontrava somente de camisola e trouxera um penhoar, que jogou por cima de seus ombros.

Esse simples ato nos trouxe de volta à realidade. Suspirando, demo-nos conta de que deveríamos atacar o principal, isto é, estancar a hemorragia no braço do ferido. Na hora da ação fiquei muito satisfeito, porque a hemorragia era a melhor prova de que o sr. Trelawny ainda vivia. O que aprendêramos na noite anterior não fora esquecido. A maioria dos presentes sabia o que devia ser feito nessa oportunidade e, por isso, em segundos, mãos solícitas colocaram ataduras. O médico foi chamado e os empregados recuaram respeitosamente. Suspendemos o sr. Trelawny e o pusemos de volta no sofá sobre o qual estivera deitado no dia anterior. Após termos reunido forças a fim de cuidar do doente,



voltamos a atenção para a enfermeira. Durante toda a confusão, ela não se mexera e permanecia sentada, rígida e ereta, respirando lenta e naturalmente, com um sorriso tranquilo estampado no rosto. Como não sabíamos o que fazer com ela antes da chegada do médico, fizemos um exame geral das circunstâncias.

Nesse meio-tempo, a sra. Grant levou a patroa para fora e a ajudou a trocar de roupa, depois do que a srta. Trelawny voltou com novo penhoar e calçava chinelos. Lavara suas mãos do sangue. Acalmara-se um pouco, mas não conseguia parar de tremer. Tinha o semblante lívido. Após um olhar para o braço do pai e para mim, que segurava o torniquete da atadura, deixou que sua vista vagasse pelo aposento, fitando inconsolável todos os presentes, um após o outro. Tornou-se bem claro para mim que não sabia por onde começar nem em quem confiar. Com o propósito de acalmá-la, falei:

— Estou bem. Fiquei apenas adormecido.

Engolindo em seco, ela respondeu:

— Adormecido, o senhor? E meu pai em perigo de vida! E eu que pensei que o senhor o vigiava!

Senti a alfinetada na censura. Mas, como eu realmente queria ajudá-la, falei:

— Sim, apenas adormecido. É grave, eu sei, mas à nossa volta há mais do que “apenas”. Se eu não tivesse tomado determinadas precauções, talvez também estivesse agora no estado em que se encontra a enfermeira.

A jovem lançou um rápido olhar para a figura sinistra, sentada rígida e ereta como uma estátua. A fisionomia da srta. Trelawny suavizou e ela falou com voz amável:

— Perdão, não era minha intenção magoá-lo. Mas estou tão preocupada e angustiada que já não sei mais o que digo. Oh, é horrível! A cada momento receio que vá acontecer uma nova atribulação, um novo horror e uma nova charada.

Essas palavras assim pronunciadas me cortaram o coração e, do fundo de minha alma transbordante de amor, veio a resposta:

— Não perca tempo comigo. Não o mereço. Minha obrigação era ficar vigiando e adormeci. Só o que posso dizer é que não foi essa a minha intenção e que realmente tentei evitar o ocorrido. Mas foi mais forte do que eu e antes que o percebesse. Aconteceu e não pode ser desfeito. Um dia talvez possamos decifrar o mistério. Agora, contudo, precisamos tentar descobrir o que realmente houve. Conte-me, por favor, o que sabe.

O esforço que fez querendo relembrar os acontecimentos pareceu animá-la. Ficou mais calma enquanto relatava:

— Eu adormecera e acordei de repente com o horrível pressentimento de que meu pai se encontrava em grande e imediato perigo. Dei um pulo da cama e corri para aqui. Estava escuro como breu, mas, quando abri a porta, reconheci o vulto do meu pai, de pijama, estendido no chão, ao lado do cofre, como naquela terrível primeira noite. E aí, por instantes, devo ter ficado fora de mim.

Estremeceu. Meu olhar pousou no sargento Daw, que, sem motivo, mexia no revólver. Sem largar o torniquete, falei baixinho:

— Sargento Daw, por favor, diga-nos em que o senhor atirou.

Acostumado a obedecer, o policial-detetive se refez. Olhando em volta para os empregados que ficaram, disse, pomposo, numa atitude peculiar aos representantes da lei frente a estranhos:

— O senhor não acha que deveríamos permitir que os empregados se retirassem? Aí poderemos nos aprofundar melhor no assunto.

Concordei. Os criados compreenderam a insinuação e recuaram, ainda que com alguma relutância. O último fechou a porta ao sair.

O detetive prosseguiu logo:

— Vou expor minhas impressões antes de iniciar o relatório de minhas atividades.

Seu comportamento deixava claramente perceber que sabia da desagradável posição em que se encontrava.

— Deitei-me meio vestido, assim como me encontro agora, e coloquei o revólver sob o travesseiro. É a última coisa de que me lembro. Quanto tempo dormi, não tenho ideia. Eu havia apagado a luz, de modo que no quarto a escuridão era completa. Pensei ter ouvido um grito, mas não tenho certeza, porque minha cabeça estava pesada como fica alguém que não tenha dormido o suficiente e necessita voltar ao trabalho. Bom, a primeira coisa de que me lembrei foi do revólver. Peguei-o e corri para o patamar. Ouvi distintamente um grito ou muitos gritos de socorro e corri até este quarto. Não havia luz, pois a lâmpada perto da enfermeira estava apagada; a única iluminação vinha do patamar da escada. A srta. Trelawny gritava ajoelhada ao lado do pai. Pensei ter visto algo que se movia entre mim e a janela. Sem pensar, atirei, meio acordado e confuso. A coisa se movia para a direita, entre as janelas, e dei outro tiro. Aí o senhor se levantou da sua grande poltrona e com toda aquela máscara diante do rosto. Em minha condição entorpecida, entre o sono e o despertar, pareceu-me, e sei que tomará em



consideração, que o senhor era “aquilo”, pois se encontrava na mesma direção que a coisa sobre a qual eu atirara. E é por esse motivo que quase atirei outra vez, antes que o senhor tivesse retirado a máscara.

Perguntei, assumindo o controle da situação:

— O senhor chegou a dizer que pensou que eu era a coisa na qual atirou. Que coisa?

O homem coçou a cabeça sem saber direito o que responder.

— Vejamos, como era, então? — insisti.

Sua voz soou bem baixa:

— Não sei, senhor. Pensei que fosse algo. Mas o quê, e com que se parecia, não tenho a menor noção. Presumo que tenha acontecido porque pensei no revólver um pouco antes de me deitar e quando entrei aqui não estava completamente senhor de mim, o que faço votos para que o senhor leve em consideração futuramente.

Com essas desculpas, agarrou-se como a uma tábua de salvação. Eu não desejava que ele se voltasse contra nós; pelo contrário, eu o queria do nosso lado. Além do mais, pairava sobre mim a sombra de minha própria falha. Falei, por isso, com a maior cordialidade:

— Exatamente, sargento. O senhor agiu corretamente no primeiro impulso. Não é possível esperar que o senhor, meio acordado ainda e talvez também sob o efeito da influência que me fez adormecer e deixou a enfermeira Kennedy nesse transe cataléptico, parasse e considerasse cuidadosamente o estado das coisas. Enquanto estamos com a ocorrência fresca na mente, é bom que nos certifiquemos onde o senhor se encontrava e onde eu estava sentado. Precisamos verificar o lugar onde penetraram as balas.

A perspectiva de uma solução imediata e do uso de sua habilidade logo o animou. Parecia outra pessoa ao se pôr ao trabalho. Pedi à sra. Grant que segurasse o torniquete do curativo e me dirigi para o mesmo lugar onde ele estivera e para o local onde atirara no escuro. Quando ele me mostrou onde se encontrava na hora de puxar o revólver do coldre para atirar, tive que reconhecer que a sua mente trabalhava com precisão mecânica. A poltrona da qual eu me levantara continuava no mesmo lugar. Então, pedi-lhe que mirasse com a própria mão, a fim de que eu pudesse seguir a trajetória da bala. Atrás da minha poltrona, um pouco virado de lado, havia um armário alto, em marchetaria, com a porta de vidro estilhaçada.

— Essa foi a direção do seu primeiro ou do seu segundo tiro?  
— perguntei.

Prontamente veio a resposta:

— Do segundo. O primeiro foi para o outro lado.

Virou-se um pouco para a esquerda, mais para o lado da parede, do lado do grande cofre, e apontou. Segui a direção de seu braço e fui até a mesa baixa, sobre a qual, entre outras raridades, estava também a múmia do gato que havia irritado Silvio. Peguei uma vela e pude imaginar perfeitamente o caminho tomado pela bala. Ela quebrara um pequeno vaso de vidro e um frasco ornamental de basalto preto, com preciosas inscrições em hieróglifos, cujas linhas foram completadas com fino pó verde e depois polidas. O impacto da bala contra a parede a achatou e ela se encontrava sobre a mesa.

A seguir, fui até o armário com o vidro quebrado, que servia para guardar as raridades antigas. Lá se via um grande número de

escaravelhos de ouro, ágata, jaspe verde, ametista, lápis-lazúli, opala, granito e porcelana verde-azulada. Por sorte, essas coisas escaparam intactas. A bala atravessara a parede detrás do armário, mas o estrago não foi maior, a não ser pelo vaso de vidro. Chamou-me a atenção a estranha arrumação das peças no armário.

Todos os escaravelhos, anéis, amuletos e semelhantes foram agrupados de maneira irregular e oval, em torno de uma miniatura de um deus com cabeça de águia, trabalhado em ouro, coroado por um disco adornado de penas. No momento eu não dispunha de tempo para mais detalhes, pois tinha que dar atenção a circunstâncias mais urgentes. Em outra oportunidade, todavia, eu gostaria de verificar tudo muito bem. Fiquei mesmo bastante surpreso que os estranhos odores orientais emanassem, em parte, dessas raridades. Através do vidro partido vinha ainda um aroma de especiarias e de resina, mais forte do que dos outros objetos encontrados no quarto.

Tudo isso levou apenas poucos minutos. Fiquei muito surpreso quando meus olhos observaram a clara luz do dia através das frestas entre as escuras persianas e a moldura das janelas. Ao me aproximar do sofá, retomei das mãos da sra. Grant o torniquete, e ela se dirigiu para a janela a fim de suspender as persianas.

Nada havia mais sinistro do que esse quarto na cinza luz do amanhecer. Como todas as janelas se voltavam para o norte, a luz incidente era de uma cor cinza inalterável, sem a rósea promessa da aurora. A luz elétrica deixava o ambiente da mesma forma, turvo e penetrante, e todas as sombras eram realçadas com dura intensidade. Nada havia do frescor matinal nem da suavidade noturna. Tudo tinha aparência dura, fria e indescritivelmente melancólica. O